

“Eu DEVOREI este livro.”

ALI HAZELWOOD, autora de *A hipótese do amor*

GAROTAS FAMINTAS



OLIVIE BLAKE

GAROTAS FAMINTAS

OLIVIE
BLAKE

Tradução:
Sandra Martha Dolinsky



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright do texto © Alexene Farol Follmuth, 2025
Publicado mediante acordo com Tor Publishing Group.
Publicado originalmente nos Estados Unidos em 2025
por Tor Publishing Group, Nova York.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *Girl Dinner*

Preparação: Bruna Del Valle
Revisão: Camila Gonçalves e Ligia Alves
Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao
Capa: Jamie Stafford-Hill
Adaptação de capa: Heleni Andrade
Imagens de capa: Laura Ranftler / Arcangel Images;
arybickii / Adobe Stock; NikhomTreeVector / Adobe Stock;
Korionov / Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Blake, Olivie
Garotas famintas / Olivie Blake ; tradução de Sandra Martha
Dolinsky. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
352 p.

ISBN 978-85-422-4353-6
Título original: *Girl dinner*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Dolinsky, Martha

26-2698

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PARTE I

RECRUTAMENTO

7

PARTE II

EDUCAÇÃO

75

PARTE III

INICIAÇÃO

141

PARTE IV

EVENTO

211

PARTE V

JANTAR

269

O barulho do jantar daquela noite lhe era familiar, monótono, como a dor na lombar que nunca desaparecia por completo. Durante meses Sloane também tentara desesperadamente esquecer seu períneo; não para se sentir normal nem mesmo confortável — isso talvez fosse pedir demais. Simplesmente esquecer que tinha uma região perineal seria a verdadeira felicidade no contexto de suas aspirações diárias. Pouco a pouco, havia superado minutos, depois horas, depois dias e até semanas e, de modo geral, sentia-se como se tivesse, de maneira impressionante, forjado seu caminho para o nirvana. Mas com a euforia de esquecer seu assoalho pélvico chegou a lembrança de que trinta e três anos de bipedalismo e gravidade nunca poderiam ser contrariados; que se não fosse uma coisa seria outra. Quando não era a laceração perineal de terceiro grau que demorou quatro meses de meditação pseudocientífica e dedadas terapêuticas para se curar, era a mortalidade comum e ordinária ou o deslizamento de um disco vertebral. Nesses momentos, Sloane se sentia esmagada por uma grande decepção consigo mesma. Ela era a ordinariedade em pessoa.

Atrás dela, Isla, a menina dos seus olhos, objeto de um amor tão ricamente doce e cremoso que às vezes parecia erótico, batia na mesinha de seu cadeirão, não pela primeira vez naquela noite e, pelo andar da carruagem, nem pela última.

Tum!

— Max — disse Sloane.

Tum, tum, tum!

— Max, ela está tentando chamar sua atenção.

— Hã? — Max levantou os olhos do celular. (Seu celular! Seus e-mails urgentes! Seus malditos e-mails! Suas adoradas manchetes!)

— Meu amor — murmurou Max para Isla —, não bata seu copo.

Logo voltou ao celular.

Tum.

— Max — Sloane suspirou profundamente para se acalmar. — Ela quer mais suco.

Tum.

— Você viu o lance do novo reitor da área de humanidades?

Tum. Tum.

— O quê? — disse Sloane.

Ela provou o espagete da panela de água fervendo, avaliando-o não por sua perfeita textura *al dente* como em seus melhores anos como anfitriã, mas pela leve consistência de papinha, pela facilidade de mastigá-lo. Caralho, mais um prato de espagete à bolonhesa era como a morte inequivocamente espiritual para ela, mas era a única coisa que Isla se dignaria a comer — a única coisa que Isla permitiria entrar na santidade de sua boca. Sua doce e querida boca com deficiência de ferro. Uma doce e inocente deficiência, provavelmente o que fazia Isla dormir mal. E, como ela não conseguia dormir sozinha à noite, Sloane também não.

Tum!

— O novo reitor. Falei, não foi? Crawford foi atacado pelo MeToo.

Por um breve momento, Sloane pensou em dizer a seu marido que não, Crawford não havia sido *atacado* pelo MeToo; ele havia sofrido as consequências dos próprios atos — ou tinha sido o que Sloane descobrira meses antes, quando Max insistira que convidassem o departamento inteiro a ir à sua casa em agradecimento por resolverem o pequeno problema empregatício deles (dois acadêmicos que precisavam de emprego, sendo Sloane a pessoa extra, sem condecorações e, portanto, o problema; assim, o departamento de humanidades a havia amarrado à sua carruagem para ser arrastada pela cidade de Troia — ou foi o que Sloane sentiu na escala de humilhações domésticas).

Victoria Ellsworth não havia dito uma palavra a ninguém no departamento sobre o que ela chamara de *incidente*, e depois, quando estava pronta para seu mandato, Crawford votara contra, citando o fato de que ela era, abre aspas, pouco profissional, fecha aspas.

TUM!

— Max — disse Sloane —, o suco?

— Quer mais suco, meu amor? Suco?

Max estava usando de novo a voz carinhosa que sempre usava para falar com Isla, aquela que gritava “*pai de menina*”, aquela que Sloane um dia tivera certeza de que significava que havia escolhido o companheiro de vida certo; quando teve certeza de que não havia nada mais sexy em um homem do que vê-lo sendo um pai carinhoso.

— Deveríamos dar água a ela, você sabe — comentou ele.

Algo dentro de Sloane derreteu brevemente.

— Max, eu... eu tentei. Eu já tentei. Você... você está insinuando que eu... Acha mesmo que eu... — (Às vezes dava um branco nela, de raiva improdutiva.) — Ok, dê água a ela, então.

Vamos ver como se sai, imbecil. Amor da minha vida. Pai da minha filha. Maldito espertinho.

— Você está nervosa por causa de amanhã?

Max havia acariciado a cintura de Sloane, que estava apoiada na pia perto do fogão, sobre uma perna só, como um flamingo. Ele cheirava a mexerica, como sempre, por causa do sabão de lavar roupas que Sloane havia comprado; um cheiro nada a ver com a doce cabecinha de um bebê nem com o constante e inexplicável cheiro de xarope de bordo dela. Às vezes Sloane se espantava ao ver o quanto ele era maior que Isla.

Max passou ao lado dela, abriu a porta da geladeira e se inclinou para olhar dentro.

— Nervosa? — repetiu Sloane, tardiamente.

— Cadê o suco?

Ela fez um gesto cego.

— Aí, atrás desse negócio.

— Negócio?

— É, o negócio. Esse maldito negócio, Max, o negócio.

Desde que Sloane engravidara, tinha dificuldade de recordar certas palavras. Era como se tivesse um coador onde antes era seu cérebro. Seu cérebro, que valia centenas de milhares de dólares. Quanto desse valor se perdia quando não se lembrava do nome do negócio? O negócio, onde está... com aquele... Aquele negócio. (Será que essa única transação a deixara vinte dólares no vermelho?) Porra, Max, o negócio!

Max anunciou em tom profundo:

— Pego outra garrafa? Parece que acabou.

— Max, não *acabou*, está bem...

Sloane bufou, torcendo para que ele não ouvisse, enquanto ia até a geladeira e afastava o negócio (a jarra de água).

— Aí. Está aí.

— Ah!

Max parecia encantado consigo mesmo, como uma criança que havia feito algo divertidíssimo, como se estivesse no Twitter (ou fosse lá como se chamasse o Twitter agora) e lesse errado uma palavra, lendo sem querer “sexo” em vez de “sexto”, hahahahahahahahahahahahaha!

— Então, como está se sentindo?

— Sobre o quê?

TUM! Isla jogou o copo no chão.

Agora a menina choramingava por causa do copo caído.

— Sobre o novo semestre.

Sloane se imaginou dizendo: “Está se referindo ao emprego? Ao que eu tenho? Ao trabalho que faço há uns oito anos? Aquele no qual nos conhecemos? O trabalho que nós dois fazemos? Esse trabalho?”.

Mas, na realidade, disse:

— Estou meio nervosa por causa da Isla.

— Ah, ela vai ficar bem. Ficar na creche vai ser bom para ela.

— Sim, mas não é você que vai abandoná-la.

Sloane enxugou o suor pegajoso da testa e se deu conta de que queria parar de respirar. Talvez já tivesse parado de respirar sem perceber. O mais normal que estava prestes a fazer, o que todas as

mães faziam — sem dúvida o que todas as mães sem seu privilégio socioeconômico faziam —, era, na realidade, a pior coisa que lhe havia acontecido. Ela nem queria ter filhos! Até ter. E agora, de repente, carregava o peso atávico de todas as mães antes dela, cujos filhos haviam sido abandonados durante oito horas por dia, sacrificados no altar do trabalho sem sentido.

Não era sem sentido. Ela gostava de seu trabalho. Tinha orgulho dele, sempre gostara de lecionar, achava a sociologia infinitamente interessante de um jeito esotérico. Mas, recontextualizado pelo pequeno ser humano que dependia dela para comer, dormir e se consolar, tudo lhe parecia meio opressivo; ou talvez fosse consequência de ver muito conteúdo para mães no VidStar. (Sem falar das esposas tradicionais! Que horror! A mente socióloga de Sloane não conseguia parar de olhar.)

— É verdade. — Max deu-lhe um beijo na nuca enquanto Isla tentava fugir do cadeirão.

Mas não seria ótimo voltar ao trabalho? Sloane não era dona de casa nem uma esposa tradicional, e o tempo que conseguia dedicar à consistência das fezes ou a procurar maneiras criativas de introduzir ferro na comida era limitado. Não seria revigorante, de alguma maneira, voltar ao mundo dos adultos, que não jogavam coisas no chão nem precisavam que se falasse com eles como nas negociações com reféns? Ter cinco minutos para contemplar a mancha de umidade que — como supunha — adornaria o teto de sua nova sala de professora adjunta? Um momento precioso para dissociar; tempo para fazer cálculos devotados e implacáveis sobre como fazer trinta e cinco universitários se preocuparem mais com os princípios da sociologia do que com quando vão transar de novo. Impossível. Totalmente sisifiano. Claro, como acontece com a criação dos filhos, o truque era uma metodologia consistente. Era só lecionar para a pessoa mais entusiasmada em estar ali, como Sloane havia dito no ano anterior — não, caramba, fazia dois anos já — a uma jovem brilhante interessada em fazer doutorado. Você não pode pensar em todos os bocejos, nos olhos vazios... se

deixar que isso a desanime, nunca conseguirá aguentar o dia, muito menos o semestre. Tem que *pressupor* que está motivando alguém, mas não é problema seu realmente *comprovar* que isso aconteceu. Não é problema seu saber, durante uma aula dada, quantos alunos realmente se transformarão em algo grande; sua responsabilidade é só dar a eles as ferramentas, a curiosidade para chegar lá. Sloane costumava dizer bobagens como essa quando necessário! Simplesmente saía dela, era impressionante mesmo.

— Max, você poderia...

Isla já havia quase conseguido sair do cadeirão, estava bem perto de voar, e, embora Sloane se orgulhasse de não ser esse tipo de mãe que se preocupava o tempo todo com possíveis machucados, tudo que sua querida filha era ou seria um dia estava contido naquele lindo crânio ainda inacabado.

— Meu amor, só dois minutinhos, já vamos jantar.

Isla soltou um uivo sobrenatural.

— Suco! — gritou Max, exultante, oferecendo-lhe o copo.

Isla o jogou no chão imediatamente. Que fique registrado que Max não cozinhava porque Sloane sempre se preocupava mais com a comida; ela *gostava* de preparar os ingredientes, cozinhar, e adorava comer. (Costumava fazer aquele lance de jejum, durante o qual só comia duas vezes ao dia, e não queria que aquelas duas preciosas refeições fossem um “deleite culinário” segundo o conceito *de* Max. Queria massa, caramba! Queria massa e queijo!) Claro que não lembrava por que havia insistido nisso. Naquele momento, imaginou-se dando a espátula a Max e ouvindo “espera, onde fica a panela?”. Ao que inevitavelmente responderia “aí, atrás do negócio”.

Por fim, Sloane serviu o espaguete nos pratos de cerâmica cuidadosamente trabalhada que haviam sido seu orgulho e alegria durante tantos anos. Disse: “Max, a cachorra?”. Max, caridosamente, tirou os olhos do celular e pôs comida para a cachorra. Ela disse: “Frankie, sente-se”. Frankie não se sentou, de modo que ela repetiu: “Frankie, *eu mandei sentar*”. E por um segundo pensou no quanto havia amado

essa cachorra antes, quando Frankie amava Max e somente Max, e Sloane pensava que tudo bem, afinal a cachorra era um ser vivo, não era *obrigada* a amá-la. Mas, depois que teve Isla e se viu cativa do erótico amor maternal, percebeu que Frankie dava trabalho demais. Sloane entrou para encher dois copos com a água do negócio e viu que estava quase vazio. Tudo bem, Max podia ficar com a água gelada, ela não ligava mais. Colocou na mesa o prato de Isla e disse: “Sobre para ela”. Colocou na mesa o prato de Max e depois o seu. Foi encher o negócio com água.

— Acho que papai não vai comer — disse Max a Isla, com sua voz carinhosa e brincalhona.

Foi assim que Sloane se deu conta de que havia esquecido de pôr os talheres. Estava com dor nas costas e dobrou o corpo um instante, tentando aliviar a pressão. Max passou por trás dela e pegou um garfo.

Um garfo.

Só um.

Voltou para dar comida a Isla, que deu um tapa na colher que ele levava à sua boca.

— Caramba, Isla! — gritou ele.

Caramba. Calma, cara. *Caramba*. Como se isso significasse alguma coisa para um bebê de dezoito meses.

— Isla — disse Sloane, com voz doce e musical. — Isla, quer experimentar um pouquinho? Mmm, espaguete, que gostoso!

Isla bateu na colher de novo, olhou com doçura para a mãe e anunciou com orgulho.

— Abó.

Nem uma garfada. Era véspera do primeiro dia de aula do semestre de outono, véspera do dia em que Isla aprenderia o significado da palavra deserção, véspera do dia em que Sloane voltaria ao trabalho e seria uma pessoa de novo.

Sete dias antes, havia recebido um e-mail de Britt Landau lhe pedindo um favor pessoal; um e-mail que alegava que Alex Carlisle havia pedido especificamente Sloane.

A dra. Sloane Hartley se deixou cair na cadeira com uma sensação de fracasso total, como nunca havia sentido, e se deu conta de que não tinha com o que comer.

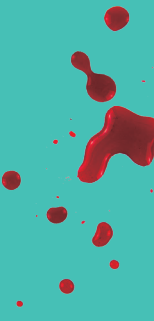
Max estendeu sua mão grande e cobriu a dela, sorrindo com aquele mesmo sorriso que um dia quase a levava ao orgasmo. Eram diferentes de outros pais, de outros casais. Tinham uma união revolucionária; se precisasse de algo dele, era só pedir!

— Tente fazer umas atividades extracurriculares este ano — sugeriu Max. — Talvez isso tranquilize o reitor Burns.

Sim, pensou Sloane, incentivando a si mesma, *mostre seu valor a Burns. O problema é que você não está fazendo o suficiente!* Infelizmente, com todo o tempo livre e a energia extra que ganhara desde que dera à luz, simplesmente não tinha forças para discutir.

— É, boa ideia — disse, e se levantou para pegar um garfo.





Toda perfeição exige um preço...

Depois de um primeiro ano desastroso, Nina Kaur quer apenas uma coisa: pertencer. Ser aceita na Casa, a irmandade mais lendária e exclusiva da universidade, é a chave para o futuro dos seus sonhos. As mulheres dali são belas, brilhantes, poderosas. Intocáveis.

Por outro lado, a professora Sloane Hartley as observa com fascínio e inveja. Exausta, invisível e lutando para recuperar a própria identidade, ela vê naquelas mulheres algo que perdeu: controle.

Mas, por trás da fachada impecável, há um segredo.

Um ritual ancestral.

Um apetite sombrio.

À medida que Nina e Sloane são atraídas para o coração da irmandade, descobrem que a ambição tem um gosto peculiar. E quando finalmente forem convidadas à mesa... terão que decidir o quanto estão dispostas a devorar.



Planeta



9 788542 243536